

Con-suelo e olhos de jajañ: botânica afetiva para conservar

Con-solation and eyes of jajañ: affective botany for conservation

María Paula Mejía Uribe

Pontificia Universidad Javeriana. Bogotá, Cundinamarca, Colômbia

GT8 – Extensão Rural e Diálogos Interculturais

Resumo: Este trabalho examina as relações entre o cuidado medicinal das mamás sabedoras Camëntsá e sua importância à luz da conservação territorial no Vale de Sibundoy, Colômbia. A partir da chagra medicinal (jajañ), entendida como um tecido multiespécie de agência encarnada, articulam-se saúde, território e herança biocultural em um vínculo indissociável. Metodologicamente, a etnografia articula-se com histórias de vida e ilustração botânica como eixos de registro e análise sensível. Desse modo, projeta-se o jajañ como um tecido socioecológico no qual o cuidado opera como mecanismo de fazer território, memória e afetação permanente.

Palavras-chave: cuidado multiespécie, etnobotânica, conservação territorial, Camëntsá, saberes tradicionais

Abstract: This paper examines the relationships between the medicinal care practices of Camëntsá women healers (mamás sabedoras) and their significance in light of territorial conservation in the Valle de Sibundoy, Colombia. Through the medicinal garden (jajañ), understood as a multispecies assemblage of embodied agency, health, territory, and biocultural heritage are articulated as an indissoluble nexus. Methodologically, the research adopts an ethnographic approach in dialogue with life histories and botanical illustration as axes of sensitive registration and analysis. In this way, the study positions the jajañ as a socioecological entanglement in which care operates as a mechanism of territory-making, memory, and ongoing affective relations.

Keywords: multispecies care, ethnobotany, territorial conservation, Camëntsá, traditional knowledge

1. Introdução

O Vale de Sibundoy, no Alto Putumayo colombiano, constitui uma zona de transição andino-amazônica de extraordinária diversidade vegetal. Nesse território, as mamás sabedoras Camëntsá — mulheres portadoras de conhecimento medicinal ancestral — mantêm uma relação profunda e cotidiana com o jajañ, a horta medicinal que nomeia, dentro dos parâmetros étnicos e culturais desse povo, aquilo que em outros contextos amazônicos se denomina chagra. Essa nomeação não é trivial: o jajañ é sempre chagra, mas nem toda chagra é jajañ, pois encarna uma cosmogonia, um sistema de policultivo rotativo e uma trama de transmissão intergeracional que o distingue como uma entidade ontológica própria do povo Camëntsá.

O presente trabalho deriva de uma pesquisa etnográfica sobre os sistemas corpo-territoriais no Vale de Sibundoy e seu campo de ação a partir da seguinte questão: quais relações se tecem entre o labor medicinal das mamás sabedoras Camëntsá e a conservação

territorial? Parte-se do pressuposto de que saúde e conservação não são domínios separados, mas dimensões simultâneas de um mesmo entramado simbólico-prático que as mulheres sabedoras encarnam e mobilizam. Nesse sentido, a conservação, compreendida como protocolo técnico-científico, entra em tensão, dando lugar a uma abordagem que a concebe como prática ontológica, afetiva e situada.

2. Revisão da literatura

O marco teórico inscreve-se em uma compreensão relacional do território: não como espaço prévio às relações, mas como aquilo que emerge delas. A noção de pluriverso de Arturo Escobar situa a coexistência de múltiplas formas de mundo, questionando a separação moderna entre natureza e cultura. Essa perspectiva dialoga com a antropologia multiespécie —Haraway e Tsing— ao enfatizar a interdependência entre seres heterogêneos, com a noção de cuidado encarnado de Puig de la Bellacasa, e com a antropologia médica crítica de Langwick, que compreende a cura como articulação de dimensões sociais, ecológicas e espirituais. Nesse entramado, as plantas não operam como recursos, mas como actantes que participam da produção de memória e conhecimento —na linha de Marisol de la Cadena—, fazendo do *jajañ* um espaço de coprodução entre corpos, práticas e materialidades vivas.

Para além do campo teórico acadêmico, este trabalho incorpora a oralitura como uma forma de conhecimento e registro memorístico que não apenas acompanha, mas tensiona e expande essas perspectivas. Em diálogo com a obra do oralitor mapuche Elicura Chihuailaf, o pensamento emerge como inseparável do território, da memória e da comunidade. Nesse sentido, a oralitura configura-se como um sistema de transmissão que articula dimensões sonoras, corporais e simbólicas, no qual a palavra escrita não substitui a oralidade, mas a acompanha em sua pervivência, conforme assinala Miguel Rocha Vivas. Essa perspectiva se materializa de forma concreta na obra do poeta Camëntsá Hugo Jamioy Juajibioy, cuja escrita — produzida originalmente em língua própria e traduzida por ele mesmo — evidencia a palavra como continuidade de uma memória oral territorializada.

Processos semelhantes podem ser observados em autores como Humberto Ak'abal, nos quais a sonoridade e a experiência sensível excedem a dimensão gráfica da linguagem. Nesse contexto, a oralitura não se incorpora como recurso estético, mas como fundamento epistemológico e metodológico. Considerando que o conhecimento associado ao *jajañ* é essencialmente oral e experiencial, sua abordagem exige um enfoque etnográfico coerente com seu caráter situado. Com o objetivo de encarnar a palavra-pensamento no registro textual,

a análise se posiciona em um espaço de interseção entre o oral e o escrito, em consonância com a natureza relacional do jajañ e suas dinâmicas próprias.

3. Metodologia

A pesquisa adota uma orientação metodológica ator-rede (Latour, 2005; Law, 2004), que permite rastrear associações dinâmicas entre actantes humanos e não humanos sem recorrer a explicações lineares ou centralizadas. Essa escolha é coerente com a premissa de que o jajañ existe como um nó de relações interespecíficas, e não como um mero espaço físico. Metodologicamente, combinam-se três estratégias complementares: etnografia, história de vida e ilustração botânica.

As histórias de vida de cinco mamás sabedoras —María Clementina Jacanamejoy, María Emerenciana Chicunque, Esperanza Jacanamejoy, Ana Lucía Muchavisoy e María Concepción Juajibioy— constituem o núcleo empírico da pesquisa. Seguindo Daniel Bertaux (1999), o relato pessoal é entendido como uma via privilegiada para acessar a lógica de ação dos atores sociais. Cada sabedora selecionou livremente as plantas que considerou fundamentais em sua trajetória de cuidado, o que deu origem a um herbário do afeto: uma compilação biográfica de espécies medicinais ancoradas em experiências singulares de relação com as sabedoras de tradição.

A ilustração botânica, realizada pela pesquisadora, é adotada como um instrumento de hibridação óptica entre conhecimento científico e empírico. Não se trata apenas de um registro técnico: o ato de desenhar implica uma presença prolongada no jajañ, uma atenção encarnada aos contornos de cada planta que convoca o espírito e a forma como dimensões inseparáveis. A oralitura indígena — Hugo Jamioy, Fredy Chikangana, Elicura Chihuailaf — funciona como um marco narrativo que articula o oral e o escrito sem hierarquizá-los, em coerência com a natureza essencialmente oral do conhecimento chagreiro.

4. Análise e discussão dos resultados

Os resultados revelam três dimensões articuladas. A primeira é o jajañ como tecido socioecológico integral: o sistema de policultivo rotativo Camëntsá não constitui um simples repertório de espécies úteis, mas evidência viva de processos transgeracionais que mobilizam princípios ancestrais. As plantas são indicadores ecossistêmicos e, simultaneamente, agentes de memória coletiva que condensam trajetórias de convivência, dependências latentes e vínculos de identidade que ultrapassam o espectro biomédico.

A segunda dimensão é o cuidado como mecanismo de fazer território. As mamás sabedoras são as principais responsáveis pelo jajañ em sua cotidianidade, posicionando-se como depositárias centrais de saberes curativos. Sua relação com as plantas não é instrumental, mas de domesticação mútua, coevolução e acomodação recíproca: o remédio não é um produto isolado, mas o resultado de uma relação territorial em si mesma.

A terceira dimensão é a conservação como prática afetiva. As sabedoras não estabelecem separação entre saúde e conservação: cuidar do jajañ é cuidar do corpo, e vice-versa. A doença, assim como a erosão ecológica, é entendida como ruptura no tecido de relações. A conservação que emerge dessas práticas é encarnada, afetiva e transmitida em relações de intimidade com seres não humanos. O herbário do afeto materializa essa convergência: ao articular ilustração botânica e relato biográfico em primeira pessoa, aposta na singularidade de cada vínculo planta-mulher como fonte de conhecimento, onde cada espécie ilustrada encarna uma história de encontro, memória de cura e expressão de territorialidade vivida.

5. Considerações finais

O jajañ evidencia que saúde e conservação são dimensões inseparáveis de um mesmo sistema vivo e essencialmente móvel. A botânica afetiva — como forma de conhecer através do vínculo, do relato e da observação — emerge como um mecanismo potente de persistência socioecológica, capaz de sustentar heranças bioculturais que os protocolos técnico-científicos frequentemente invisibilizam.

Este trabalho contribui para a sociologia rural em três sentidos. Primeiro, desestabiliza a separação clássica entre natureza e cultura ao mostrar como mulheres rurais indígenas habitam e reproduzem entramados multiespécie concretos e cotidianos. Segundo, propõe uma leitura ontológica da conservação — não como gestão de espécies, mas como prática encarnada e afetiva — que amplia os horizontes analíticos do campo. Terceiro, situa o conhecimento singular das sabedoras como eixo transversal de configuração territorial e devir na ruralidade, resistindo à generalização universalizante.

As limitações residem no caráter situado do contexto Camëntsá e no risco de generalização ao transpor seus parâmetros a outras escalas de paisagem. No entanto, à luz desses modelos híbridos de registro, é possível construir perspectivas comparativas mais precisas com outros sistemas amazônicos e aprofundar a análise dos impactos de políticas de conservação sobre a continuidade dessas práticas. Afinal, a urgência de considerar a cosmovisão local em sua profunda agência edificadora é, também, uma questão de cuidado.

Referências

- Abu-Lughod, L. (1991). Writing against culture. En R. G. Fox (Ed.), *Recapturing anthropology: Working in the present* (pp. 137–162). School of American Research Press.
- Ak'abal, H. (2019). *Pensamientos en el camino*. Editorial Nascimento.
- Bertaux, D. (1999). El enfoque biográfico: Su validez metodológica y sus potencialidades. *Proposiciones*, (29), 1–23.
- Bird Rose, D. (1996). *Nourishing terrains: Australian Aboriginal views of landscape and wilderness*. Australian Heritage Commission.
- Chikangana, F. (2010). *Espíritu de pájaro en pozos del ensueño = Samay piscocok pponccopi muschcoypa*. Ministerio de Cultura.
- De Sousa Santos, B., Meneses, M. P., & Bidaseca, K. (Coords.). (2018). *Epistemologías del Sur / Epistemologias do Sul*. CLACSO.
- Escobar, A. (2014). *Sentipensar con la tierra: Nuevas lecturas sobre desarrollo, territorio y diferencia*. Editorial Universidad del Cauca.
- Haraway, D. J. (2016). *Staying with the trouble: Making kin in the Chthulucene*. Duke University Press.
- Jamioy Juagibioy, H. (2010). *Danzantes del viento = Binybe oboyejuayëng*. Ministerio de Cultura.
- Langwick, S. A. (2011). *Bodies, politics, and African healing*. Indiana University Press.
- Latour, B. (2005). *Reassembling the social: An introduction to actor-network-theory*. Oxford University Press.
- Law, J. (2004). *After method: Mess in social science research*. Routledge.
- Puig de la Bellacasa, M. (2017). *Matters of care: Speculative ethics in more than human worlds*. University of Minnesota Press.
- Rocha Vivas, M. (2016). *Mingas de la palabra: Textualidades oralitegráficas y visiones de cabeza en las oralituras y literaturas indígenas contemporáneas*. Fondo Editorial Casa de las Américas.
- Rodríguez, A. (2025). *El ser del dibujo: Procesos autónomos de investigación y creación [Exposición]*. Casa Riegner, Bogotá, Colombia.
- Sánchez Martínez, J. L. (2012). Poesía indígena actual: Textos que se cantan susurrados en sus lenguas y textos bilingües que se leen. *Desde el Sur: Revista de Ciencias Humanas y Sociales*, 4(2), 297–316.
- Spivak, G. C. (2000). ¿Puede hablar el subalterno? En R. Fernández, R. García, & M. Gómez (Comps.), *Marxismo y la interpretación de la cultura* (pp. 313–364). Siglo XXI Editores.
- Tsing, A. L. (2015). *The mushroom at the end of the world: On the possibility of life in capitalist ruins*. Princeton University Press.